

A Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM) e o Porto dos Anos 50

Vera CARMO¹

Abstract

In this paper, we highlight the pioneering modernist architectural production born within the Escola de Belas Artes do Porto, under Carlos Ramos' direction, and the efforts of the young architects joined movement, committed to a spirit of change and social evolution: O DAM (Organização dos Arquitectos Modernos).

Palavras-chave: arquitectura, anos 50, História do Porto

Descontentamento e reforma do ensino de Belas-Artes

No Portugal de cinquenta os epicentros das vanguardas artísticas coincidiam com as cidades onde se localizavam as únicas escolas do país, Porto e Lisboa, não em consequência da sua actividade, mas apenas por proporcionarem o encontro entre os jovens estudantes. Na verdade, o ensino de Belas-Artes, em Portugal, manteve, até à segunda metade do século XX, uma tradição naturalista desfasada das vanguardas modernistas. As vozes de desagrado eram frequentes. Os espíritos mais críticos exigiam reformas. Surgiam artigos de opinião. Organizavam-se encontros com o objectivo de debater novos modelos académicos.

O Estado Novo encarava as instituições de ensino como instrumentos de controlo e de propaganda, mantendo-se avesso a qualquer outra linha de orientação e só permitindo um certo grau de liberdade a propostas enunciadas por personalidades próximas do poder político. Disto parece ter beneficiado o ensino artístico português. Diogo de Macedo, Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea (1944-1959), denunciava publicamente a estagnação do panorama artístico nacional.² Francisco Leite Pinto, Ministro da Educação Nacional (1955-1961), manifestava uma

¹ ISMAI/CELCC.

² «Periodicamente, entre nós fala-se duma reforma no ensino de Belas-Artes [...]. Na verdade, neste sector, está tudo por resolver», escreve em 1944, na publicação *Ocidente*.

profunda crença numa formação mais competitiva dos recursos humanos.³ Sob estas e outras pressões internas, em 1957, é promulgado o *Regulamento das Escolas Superiores de Belas-Artes*:

A organização dos cursos de Arquitectura, de Pintura e Escultura foi, então, profundamente remodelada, passando a ser considerados cursos superiores. O Curso de Arquitectura, com a duração de seis anos, distribuiu-se por três ciclos e integrou algumas cadeiras leccionadas na Faculdade de Ciências durante os dois primeiros anos. Os Cursos de Pintura e de Escultura, com a duração de cinco anos, passaram a ser igualmente compostos por três ciclos, correspondendo os dois primeiros aos cursos gerais e o terceiro aos cursos complementares.⁴

A evolução programática das academias não conhecia, porém, equivalente prático. A estagnação do corpo docente na escola de Lisboa, severamente vigiada pelo poder central, revelou-se prejudicial, logrando quaisquer expectativas na possibilidade de uma mudança profunda e efectiva.

Carlos Ramos e a Escola do Porto

A escola do Porto mantém uma liberdade privilegiada, à qual não será alheia a figura do, então, director, o Arquitecto Carlos Ramos. Analisando o seu percurso, podemos supor que seria um homem influente e cuja proximidade ao aparelho de estado lhe garantiu alguma tolerância para dinamizar um ensino de vanguarda. Carlos Ramos nasce no Porto, em 1892. O seu pai, docente de letras, é convidado a leccionar na Universidade de Lisboa, mudando-se para a capital com a família. Carlos Ramos estuda em Lisboa entre 1915 e 1921 e logo em seguida ingressa no atelier de Raul Lino, um dos arquitectos mais comissariados pelo regime.

Ao ser nomeado director da Escola de Belas Artes do Porto (EBAP), em 1952, Carlos Ramos dá, desde logo, provas da sua margem de manobra em relação às imposições do regime, substituindo as exposições periódicas obrigatórias e trimestrais pelas «Exposições Magnas», anuais:

³ Discurso do Ministro Leite Pinto em 15/8/1955, na inauguração da estátua de Ma-lhoa, nas Caldas da Rainha.

⁴ Homepage oficial da Universidade do Porto, website: <http://sigarra.up.pt>. Acesso em 08 de Janeiro de 2011.

Por força de disposições regulamentares são as Escolas Superiores de Belas Artes de Lisboa e Porto impelidas a organizar durante o decorrer dos anos lectivos, exposições periódicas dos trabalhos escolares relativos aos concursos de emulação entre os alunos dos Cursos Superiores de Arquitectura, Pintura e Escultura. Sendo em número de 4 os períodos escolares, são também em número de 4 as exposições obrigatórias. Pensa porém o Conselho Escolar deste estabelecimento de ensino que seria de maior conveniência, a organização de uma «Exposição Magna» anual que, reunisse os trabalhos dos alunos mais classificados durante o ano lectivo anterior a par das dos professores a quem compete o ensino daquelas especialidades, dando assim a conhecer a seu tempo e publicamente, o produto das actividades profissionais e escolares de mestres e alunos.⁵

Percorrendo os boletins das *Magnas*, ao longo da década de cinquenta, verifica-se a presença em maior número de projectos de alunos do Curso Superior de Arquitectura. Verifica-se, ainda, a prevalência esmagadora de obras figurativas⁶ nos projectos com melhor classificação nos Cursos Superiores de Pintura e Escultura. Tal pode explicar-se pela convergência de dois factores:

- (i) a jovialidade do corpo docente de Arquitectura;
- (ii) a necessária aprovação das obras expostas pelo Ministério de Educação Nacional.

A acção de Carlos Ramos fez-se sentir com especial ênfase no Curso de Arquitectura, convidando para integrar o corpo docente da EBAP arquitectos muito jovens, na sua maioria recém-formados, empenhados na renovação da arquitectura portuguesa e duros críticos dos modelos pretendidos pelo regime, entre eles Agostinho Ricca, José Carlos Loureiro, Mário Bonito e Fernando Távora. Em contrapartida, os cursos de Pintura e Escultura mantiveram-se sob a alçada dos Mestres Dórdio Gomes e Salvador Barata Feyo, figuras incontornáveis do modernismo nascido no clamor revolucionário da primeira república, mas incapaz de atingir a idade adulta numa sociedade material e culturalmente pobre, cedo dominada pela censura. Dórdio Gomes, pintor da primeira geração do Modernismo Português, torna-se reconhecido no primeiro quartel do século XX graças a uma obra de traços naturalistas sobre a qual uma prolongada estadia em

⁵ *1ª Exposição Magna*. Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto, 1952.

⁶ Ainda os pintores e escultores portugueses se debruçavam sobre problemas relacionados com os limites, possibilidades e pertinência das obras figurativas em discussões herdadas do início do Modernismo, já no panorama internacional se presentia o Pós-modernismo com a *Action Painting* e as primeiras obras dos artistas da *Pop Art*.

Paris (1921-1926) imprime influências expressionistas e impressionistas. Salvador Barata Foyo, escultor da segunda geração do Modernismo português distingue-se essencialmente pela estatuária figurativa e comemorativa. Em suma, nenhum destes mestres poderia partilhar um espírito contemporâneo internacional com os seus discípulos.

Assim, apesar de a EBAP gozar de alguma tolerância por parte dos paladinos do «gosto oficial», a verdade é que a Pintura e a Escultura parecem estagnar neste período, sendo a Arquitectura a forma de expressão privilegiada de uma modernidade latente.

A ODAM e «O Problema da Casa Portuguesa»

A 10 de Novembro de 1945 é publicado no semanário *ALÉO* o artigo de título «O Problema da Casa Portuguesa», pelo jovem arquitecto portuense Fernando Távora:

Estabeleceu-se (é o termo) que a nossa habitação tradicional era caracterizada por um determinado número de motivos decorativos que começaram a aplicar-se, esquecendo o elementar princípio de que a Arquitectura não serve os motivos, mas estes pelo contrário, lhe estão submetidos. Daquele apriorismo errado nasceram habitações que não representam mais do que um catálogo de elementos decorativos tirados das velhas casas dos séculos XVII e XVIII, e outros até estranhos à nossa arquitectura civil. [...] Existe nas «Casas Portuguesas» – e podemos afirmá-lo sem receio – uma mentira arquitectónica que caracteriza os maus periodos e os maus artistas e, como mentira que é, todos os homens maus. Se teoricamente não há sociedade que proteja a mentira, nem homem que a não condene é paradoxal e significativo que esteja a proteger-se uma arquitectura que é falsa, que não corresponde à verdade portuguesa e que, como tal, deveria banir-se inteiramente, do mesmo modo que se procura eliminar da sociedade todo o elemento que, por mentiroso e falso, lhe é prejudicial. Há uma ética na Arquitectura e se o Homem é a unidade da sua escala, devem exigir-se a ela as mesmas qualidades que todos exigimos do verdadeiro Homem. (Távora, 1945)

Tendo como ponto de partida a arquitectura, Távora denuncia um regime preocupado em manter uma imagem nacional de eterna aldeia, tomando a família como matriz da organização social e privilegiando a construção de habitações unifamiliares nas periferias das cidades, nitidamente cego às evoluções e necessidades sociais contemporâneas. O artigo ganha uma importância incontornável, sendo desenvolvido posteriormente pelo autor numa obra homónima, publicada em 1947, que

resume as linhas orientadoras da produção arquitectónica da década seguinte.

Távora fazia parte de um grupo de arquitectos portugueses, a Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM), da qual eram membros: Acácio Couto Jorge, Adalberto Dias, Agostinho Ricca, Alfredo Ângelo de Magalhães, Alfredo Viana de Lima, António Matos Veloso, António Lobão Vital, António Corte Real, António Neves, Arménio Losa, Anselmo Gomes Teixeira, Artur Andrade, Cassiano Barbosa, Delfim Fernandes Amorim, Eduardo R. Matos, Eugénio Alves de Sousa, Fernando Campos, Fernando Eurico, Fernando Lanhas, Fernando Limpo de Faria, Fernando Távora, Fernando Tudela, João C. Segurado, João José Tinoco, João de Mello Breyner Andersen, Joaquim Marques Araújo, José Carlos Loureiro, José Borrego, Luís José Oliveira Martins, Luís Praça, Mário Bonito, Octávio Lixa Filgueiras, Ricardo Gil da Costa e Rui Pimentel.

O grupo apresenta-se, assim, constituído por um leque heterogéneo de personalidades, gerações e estilos, que assumem como ponto comum, não uma estética, mas uma ética profissional:

A Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM) tem como objectivo divulgar os princípios em que deve assentar a Arquitectura Moderna, procurando afirmar, através da própria obra dos seus componentes, como deve ser formada a consciência profissional e como criar o necessário entendimento entre os arquitectos e os demais técnicos e artistas.

Assim, procura divulgar a Arquitectura Moderna através de exposições, conferências, publicações, etc. As bases sobre as quais assenta o seu labor profissional são:

- Contribuir para a valorização do indivíduo e da sociedade portuguesa, estimular os técnicos e os leigos, arquitectos formados ou em formação, engenheiros e construtores, no sentido de um eficiente e efectivo labor em prol do progresso do País.

- Obstar a que o amadorismo agressivo, perigoso e desonesto, alastre e lance a Arquitectura no Caos. (Barbosa, 1972)

Não obstante uma curta existência que, iniciando-se em 1947, capitulou em 1952, a O DAM foi responsável pelo desenvolvimento da Arquitectura em Portugal, bem como por todo um pensar e compreender da sociedade portuguesa, as suas fragilidades, potencial e necessidades.

Em 1948, no âmbito de uma exposição organizada pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações, com o objectivo de comemorar a vida e obra do Engenheiro Duarte Pacheco, o Sindicato Nacional dos Arquitectos (SNA) promoveu o I Congresso Nacional de Arquitectura, em Lisboa, ao qual o jovem grupo de arquitectos portugueses acorreu prontamente,

boicotando, porém, todo o propósito do evento, apresentando críticas à arquitectura promovida pelo regime e reivindicando profundas mudanças.

A maioria dos membros da ODAM debruçava-se sobre os problemas da habitação colectiva, os quais, até à década de 50, pouca ou nenhuma expressão tiveram em Portugal. Na comunicação apresentada no Congresso, Viana de Lima defende:

Mas, para construir racionalmente casas é mister substituir o sistema de construção individual, que pode socialmente levar ao egoísmo, pelo sistema de habitação em altura, onde, cada família poderá isoladamente ter o seu lar. Mas é necessário que se compreenda que a construção em altura não destrói nem apaga o espírito individualista; pelo contrário: a família vive a sua vida e os laços familiares estreitam-se. O vizinho pode partilhar das alegrias e tristezas, mas só na medida em que isso interesse à própria família. A intimidade, a unidade familiar, o isolamento mantêm-se, mas sem o espírito egoísta que prevalece na construção individual, onde cada um pretende acumular barreiras que o separem do resto do mundo, progressivamente esquecido dos mais elementares princípios da Fraternidade Humana. (Barbosa, 1972)

É na década de 50 que surgem, em Portugal e pela acção dos membros da ODAM, os primeiros blocos de rendimento, paradigmáticos de uma nova arquitectura que se concretiza na miragem da cidade moderna: a cidade-parque, a casa em altura, a habitação mínima. São suas principais características: *a)* o aproveitamento dos lotes em profundidade com recurso a pátios interiores e alhetas laterais e posteriores; *b)* zonas comuns e serviços virados para a rua; *c)* zonas privadas no interior e/ou recuadas; *d)* recuo do corpo do edifício em relação ao alinhamento da fachada, criando uma zona de transição entre a via de tráfego e a habitação.

De entre os blocos de rendimento concluídos no Porto, na década de cinquenta [cf. Tabela 1], destaca-se a extensa obra da dupla Arménio Losa e Cassiano Barbosa, na qual se inclui o exemplar Bloco da Carvalhosa (1945-1950) [ilustrações 1 a 4] e o Edifício NHK (1951) [ilustrações 5 a 7], o Edifício Ouro (1954) [ilustrações 8 e 9] do arquitecto Mário Bonito e o Edifício Parnaso (1956) [ilustrações 10 e 11] do arquitecto José Carlos Loureiro.

É de notar, porém, a discrepância temporal destes projectos, metáforas da cidade ideal, símbolos de resistência à estagnação social e cultural, mas que surgem num momento em que os mesmos modelos estavam já a ser criticados e mesmo ultrapassados na Europa.

Tabela I

1950	Arménio Losa & Cassiano Barbosa Bloco da Carvalhosa, Rua da Boavista, 571-573, Porto Bloco Residencial, Rua da Constituição, 61-63, Porto
1951	Arménio Losa & Cassiano Barbosa Bloco Residencial, Rua de Olivença, 54, Porto Fernando Távora Unidade de Residencial de Ramalde
1953	Alfredo Viana de Lima Bloco residencial, R. Costa Cabral, 750 Arménio Losa & Cassiano Barbosa Edifício DKW, R. Sá da Bandeira, 293 Bloco Residencial, Rua de Fernão Vaz Dourado, 11, Porto Bloco Residencial, Rua de Santos Pousada, 1330, Porto
1954	Mário Bonito e Rui Pimentel Edifício Ouro, Rua Fernandes Tomás, Porto
1955	Alfredo Viana de Lima Bloco do Gaveto, Rua Guilherme Costa Carvalho 1-29 / Rua do Bonjardim, 235, Porto Arménio Losa e Cassiano Barbosa Edifício “Soares & Irmãos”, Rua de Ceuta, 12, Porto Carlos Loureiro Campo do Luso, Porto Mário Bonito Cooperativa “O Lar Familiar”, Lordelo do Ouro, Porto
1956	Carlos Loureiro Edifício Parnaso, Rua Nossa Senhora de Fátima, 231, Porto
1957	Arménio Losa & Cassiano Barbosa Avenida Fernão de Magalhães, 309-394, Porto
1958	Arménio Losa & Cassiano Barbosa Rua de Bonjóia, 268, Porto Fernando Lanhas Bloco Residencial, Avenida Sidónio Pais

Ilustrações



Ilustração 1 - Bloco da Carvalho, Porto



Ilustração 2 - Bloco da Carvalho, Porto



Ilustração 3 - Bloco da Carvalho, Porto



Ilustração 4 - Bloco da Carvalho, Porto



Ilustração 5 - Edifício NHK, Porto



Ilustração 6- Edifício NHK, Porto



Ilustração 7- Edifício NHK, Porto



Ilustração 8 - Edifício Ouro, Porto



Ilustração 9 - Edifício Ouro, Porto



Ilustração 10 - Edifício Parnaso, Porto



Ilustração 11 - Edifício Parnaso, Porto

Bibliografia

- AA.VV. *Arquitectura*, (1.^a série), Lisboa, 1927-1946; (2.^a série), Lisboa, 1948-1957
- BARBOSA, Cassiano (1972). *ODAM Organização dos Arquitectos Modernos Porto 1947-1952*. Porto: Edições ASA.
- FERNANDES, Fátima, CANNATÁ, Michele (2003). *Guia da Arquitectura Moderna: Porto 1925-2002*. Porto: Edições ASA.
- FIGUEIRA, Jorge, PROVIDÊNCIA, Paulo, GRANDE Nuno (2001). *Porto 1901/2001. Guia de Arquitectura Moderna*. Porto: Editora Civilização.
- FRANÇA, José Augusto (1985). *A Arte em Portugal no Século XX*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- MENDES, Manuel (1995). *Homenagem a Arménio Losa*. Porto: Afrontamento.
- PEDREIRINHO, José Manuel (1994). *Dicionário dos Arquitectos Activos em Portugal do Séc. I à Actualidade*. Porto: Afrontamento.
- ROSA, Edite Maria Figueiredo e (2005). *ODAM: Os Valores Modernos e a Confrontação com a Realidade Produtiva*. Barcelona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura.
- TÁVORA, Fernando (1945). «O Problema da Casa Portuguesa», in *ALOÉ*, Lisboa, 11 Novembro.
- TOSTÕES, Ana (1997). *Os Verdes Anos da Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto: FAUP.

Catálogos

- I^a Exposição Magna*. Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto, 1952.
- II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Porto: Ministério da Educação Nacional – Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, 1953.
- IV Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Porto: Ministério da Educação Nacional – Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, 1955.
- VI Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Porto: Ministério da Educação Nacional – Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, 1957.

VIII Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Porto: Ministério da Educação Nacional – Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, 1959.

100 Anos de Arte no Porto – Subsídios para uma Portugalidade Portuense, Porto, Árvore, 1992.

Arte Portuguesa nos Anos 50. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

Fernando Távora, Percurso. Lisboa: Centro Cultural de Belém, 1993.